



PREFEITURA DE SANTOS
Secretaria de Educação



SANTOS

VIVENCIANDO A HISTÓRIA - CURRÍCULO SANTISTA



Marc Ferrez, *Porto de Santos*, 1880, Instituto Moreira Salles.

ANOS FINAIS - 9º ANO - MATERIAL DO ESTUDANTE

EDIÇÃO ESPECIAL

SEDUC/DEPED/COFORM/COPEP

SEFORM/SENUTEC

2020

A cidade de Santos no século XIX: urbanização, segregação espacial e sanitarismo

Segundo o último levantamento realizado na Baixada Santista, existem 221 cortiços na região, todos localizados no centro de Santos. Em cada um deles chegam a morar até 40 famílias em condições precárias. Entretanto, os cortiços não são um problema novo na nossa cidade. Você sabe quando e como eles surgiram? Como será que o Poder Público lidou com essas habitações e seus moradores? Vamos descobrir!

Atividade 1. Crescimento urbano em Santos

Observe as imagens e responda às perguntas.



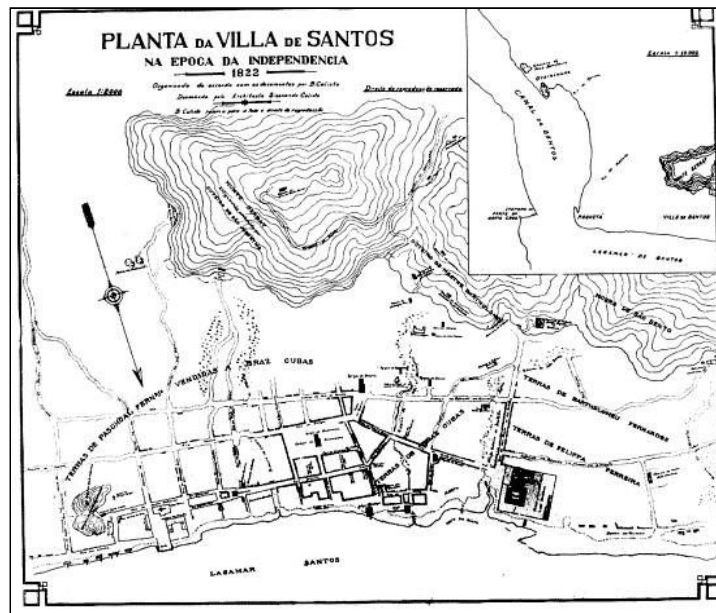
O Porto de Santos em 1822. Benedito Calixto.



O Porto de Santos em 1922. Benedito Calixto.

As duas pinturas do artista Benedito Calixto são representações do Porto de Santos, respectivamente, em 1822 e em 1922. A primeira retrata a vista a partir da atual Ilha Barnabé; enquanto, na segunda, o Porto é visto do Morro do Pacheco. Em ambas, é possível ver também o estuário de Santos, canal por onde navegam as embarcações que chegam e saem do Porto.

a. Que diferenças podem ser notadas entre as representações do Porto e da cidade de Santos nas duas pinturas?



Mapa de Santos, 1822.



Mapa de Santos, 1921.

Os dois mapas representam a parte insular de Santos em momentos diferentes. As áreas em branco, no território, representam os locais não ocupados quando esses mapas foram produzidos. No primeiro mapa, a seta ao lado esquerdo aponta para o Norte, onde está localizado o núcleo inicial do Porto de Santos e a área urbana existente até então.

b. Por onde começou a ocupação da cidade e em qual sentido ela se expandiu ao longo do tempo?

Atividade 2. Os cortiços em Santos e as intervenções urbanas

Nas descrições sobre a cidade de Santos do último quarto do século XIX, é muito comum a ênfase sobre o problema da insalubridade. Contribuíam para esse quadro a falta de uma rede de esgoto, a precariedade do abastecimento de água e as condições desfavoráveis às construções urbanas. Por ser plana, a região ficava constantemente alagada e sem vazão das águas para o mar. Tudo isso colaborava para aumentar o número de epidemias.

Doenças como varíola, peste bubônica, tuberculose, febre tifóide e principalmente febre amarela vitimaram as famílias na área central da cidade por cerca de 60 anos, graças ao descaso com o qual a questão sanitária foi tratada pelas autoridades naquele período. As epidemias obrigavam os navios que atracavam no Porto de Santos a fazer quarentena e, nos portos europeus, a cidade era famosa pelas doenças e os riscos às tripulações dos navios. A situação sanitária preocupava toda a província, pois prejudicava enormemente o comércio de café. Por isso, o governo estadual agiu para solucionar a questão, nomeando no início da década de 1890 as Comissões Sanitária e de Saneamento.

Os cortiços eram vistos por essas autoridades como a principal causa das epidemias. Em 1889, a Comissão de Vigilância Sanitária de Santos informou ao presidente da província de São Paulo sobre o "grande número de cortiços no mais deplorável estado, quase que completamente inabitáveis". No final do século XIX, o número de cortiços aumentou expressivamente com a chegada de grande fluxo de imigrantes à cidade, em decorrência do crescimento da economia cafeeira e do início da industrialização no país.

Para combater o problema da insalubridade e das epidemias, o Poder Público promoveu, no final do século XIX, diversas intervenções urbanas na região, como a criação dos canais, do sistema de esgoto e saneamento e a demolição de cortiços e barracos considerados condenados em diversos bairros. Nas violentas ações de demolição, as famílias eram desalojadas e tinham seus pertences queimados, sem que se apresentasse a elas qualquer alternativa habitacional.


Ainda nessa época, o centro da cidade consolidou-se como área portuária e comercial, deixando de ser local de moradia das camadas sociais mais abastadas, que se deslocaram para a orla da praia para manter-se fora do alcance dos vetores das doenças que assolavam a região central de Santos. Os bondes, os canais recém-construídos e as novas avenidas Ana Costa e Conselheiro Nébias facilitaram o acesso à faixa praiana, onde foram erguidos hotéis, palacetes e espaços destinados a lazer. Nesse local,

construiu-se uma cidade higienizada, moderna, afastada dos ares do trabalho, bem servida de infra-estrutura urbana e que contrastava com a zona central, onde se reuniam o Porto, o comércio e as habitações de trabalhadores.

No centro, as casas térreas e os sobrados desocupados pelas elites santistas nos bairros do Paquetá e do Valongo foram transformadas em cortiços por intermediários que alugavam os imóveis para reparti-los em cubículos e sublocá-los a dezenas de famílias de estivadores, portuários e comerciários, atraídas pela demanda por mão de obra nessa parte da cidade. Assim, o novo crescimento urbano em Santos foi caracterizado pela edificação de belas casas e palacetes junto à orla praiana e, ao mesmo tempo, pela disseminação de cortiços e áreas urbanas deterioradas na região central.

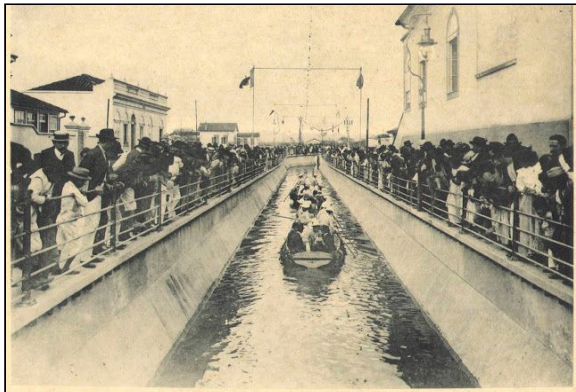
Questões sobre o texto

- a. Por que a cidade de Santos era tão insalubre no século XIX?
- b. Qual era a principal consequência da insalubridade e como isso prejudicava a economia de São Paulo?
- c. Quais as medidas adotadas pelas autoridades para solucionar o problema da insalubridade de Santos?
- d. Muitos dos antigos cortiços da cidade foram demolidos no final do século XIX, mas nunca desapareceram por completo. Na verdade, novos cortiços se formaram. Explique como isso ocorreu.
- e. Por que as famílias mais enriquecidas começaram a se deslocar do centro para a orla de Santos no final do século XIX?
- f. Podemos afirmar que o padrão de urbanização que se verificou em Santos a partir do final do século XIX segregou espacialmente a sua população? Justifique.

<p>Saiba mais! Os cortiços de Santos hoje.</p> <p>Você se perguntou qual a situação dos cortiços e seus moradores em Santos hoje? Eles estão organizados e lutam por seu direito à moradia e à dignidade. Saiba mais na página da Associação dos Cortiços do Centro:</p> <p>Disponível em : https://www.facebook.com/associacao.corticodo.centro. Acesso em: 04/08/2020.</p>	
--	---

Atividade 3. Pesquisa: os canais de Santos e o sanitário

O texto da atividade anterior menciona a construção dos canais de Santos, uma obra muito importante para nossa cidade e que teve um caráter inovador para a época. O projeto dos canais fez parte de um conjunto de intervenções urbanas sanitaristas que incluiu o sistema de esgotos e saneamento das áreas insalubres, desde a coleta até a destinação final do esgoto através do Emissário. Hoje os canais são uma referência geográfica fundamental em nosso território.



Inauguração de um dos canais no início do século XX.



Um dos canais de Santos na atualidade.





Mapa dos canais (1905).

Faça uma pesquisa para responder às questões abaixo.

- Quem foi o engenheiro responsável pelo projeto de construção dos canais de Santos?
- Quantos canais ele projetou? Quando eles foram construídos?
- Quais as razões para a construção dos canais e como eles funcionam?

Para saber mais sobre os canais.

<p>Os Canais de Santos, Vim de Santos #3. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Ser-sG1VZlQ. Acesso em:04/08/2020.</p>	
<p>Canais de Santos, Instituto Querô. disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=qnuasrjzIYE. Acesso: 04/08/2020.</p>	

Os trabalhadores do Porto de Santos e a greve geral de 28 de fevereiro de 1991

Nesta atividade, você estudará a greve geral de 1991, em Santos, uma das maiores manifestações de solidariedade entre trabalhadores da cidade, que se mobilizaram e contaram com o apoio do poder público municipal para conseguir reverter milhares de demissões no Porto.

Atividade 1. Observação das imagens



Imagem 1

Fonte: A Tribuna

<https://tinyurl.com/ume28defevereiro>



Imagem 2

Fonte:

Google Street View

- Você já ouviu falar da UME 28 de fevereiro (Imagem 1)? Conhece a história por trás do nome da escola?
- O que representa a escultura na imagem 2? Quem ela homenageia?
- Qual relação podemos estabelecer entre a UME 28 de fevereiro e a escultura?

Vamos descobrir as respostas!

Atividade 2. Entrevista

Converse com familiares, vizinhos ou amigos que viviam em Santos no início dos anos 1990 e têm idade suficiente para se recordar dos acontecimentos naquele período. Pergunte o que eles lembram sobre a greve de fevereiro de 1991 e peça que relatem suas experiências com esse acontecimento. Exemplos de perguntas possíveis (você pode elaborar outras):

- O que você lembra sobre a greve de fevereiro de 1991 em Santos? Quais as prováveis causas e qual foi seu resultado?
- Que atividades você exercia naquela época?
- A greve afetou sua vida de alguma maneira? Como?
- O que você acha dessa greve? Por quê?

Registre a entrevista em seu caderno. Não se esqueça de informar a data e quem é o entrevistado.

Atividade 3. Análise de fontes históricas: jornal

Leia as notícias publicadas no jornal *Folha de São Paulo* e responda às perguntas.

Reportagem 1

FOLHA DE S. PAULO Sexta-feira, 8 de fevereiro de 1991 economia/mercados B - 13

Movimento grevista paralisa porto de Santos

Editoria de Arte

GREVE NO PORTO DE SANTOS

Editoria de Arte

- **Quantos são:** 6,9 mil
- **Categorias paradas:** operários portuários, rodoviários e operadores de guindastes e de empilhadeiras
- **O que querem:** 158,11% de reposição a partir de 1º de janeiro e negociação de cláusulas sociais
- **O que a empresa oferece:** aplicação da MP 295 a partir de 1º de fevereiro*

* A empresa não calculou ainda qual seria o percentual resultante da aplicação da MP 295

Fonte: Codesp e sindicatos

Da Sucursal de Santos

O porto de Santos (65 km a sudeste de São Paulo), o maior da América Latina, está parado. Três dos nove sindicatos de trabalhadores no porto deflagraram greve a partir das 7h de ontem. Eles reivindicam 158,11% de reposição das perdas salariais do período de junho de 90 a janeiro de 91. A Companhia Docas do Estado de São Paulo (Codesp), administradora do porto, oferece, a partir de 1º de fevereiro, a aplicação da medida provisória (MP) 295 —o que resultaria, segundo o diretor do Sindicato dos Operários Portuários, Carlos Eduardo da Silva, 30, num reajuste entre 30% e 40%, resultante da média salarial da categoria desde o último

aumento.

A empresa entrou com pedido de instauração de dissídio coletivo ontem no Tribunal Regional do Trabalho (SP). A data-base dos portuários antes da MP 295 (que unificou as datas-base das categorias) era em junho. O presidente da Codesp, Paulo Peltier, divulgou nota ontem dizendo que a empresa "está impedida de propor quaisquer índices de aumento que não sejam aqueles determinados pela MP". Segundo a nota, "a Codesp se vê obrigada a adotar as medidas legais cabíveis". A empresa não fez os cálculos do reajuste a partir de fevereiro com a aplicação da MP 295.

Carlos Eduardo da Silva argumentou que a Codesp protelou a negociação marcada para janeiro.

"Avisamos que se não houvesse negociação, como ficou acertado em outubro, paráramos", afirmou. O acordo citado pelo sindicalista foi firmado para pôr fim a uma greve de 20 dias em outubro passado, contra 3,8 mil demissões anunciadas pelo governo e que não foram efetivadas.

Conforme a Codesp, estão parados 6,04 mil trabalhadores de um efetivo de 9,7 mil. Segundo os sindicatos, a paralisação atinge 6,9 mil funcionários e só não abrange os trabalhadores administrativos, que estão com greve marcada para o dia 18. Com a greve, a Codesp deixa de arrecadar Cr\$ 200 milhões com base na média diária de dezembro. Uma média de 69,8 t de carga deixa de ser movimentada a cada dia.

Folha de S. Paulo, 8 de fevereiro de 1991

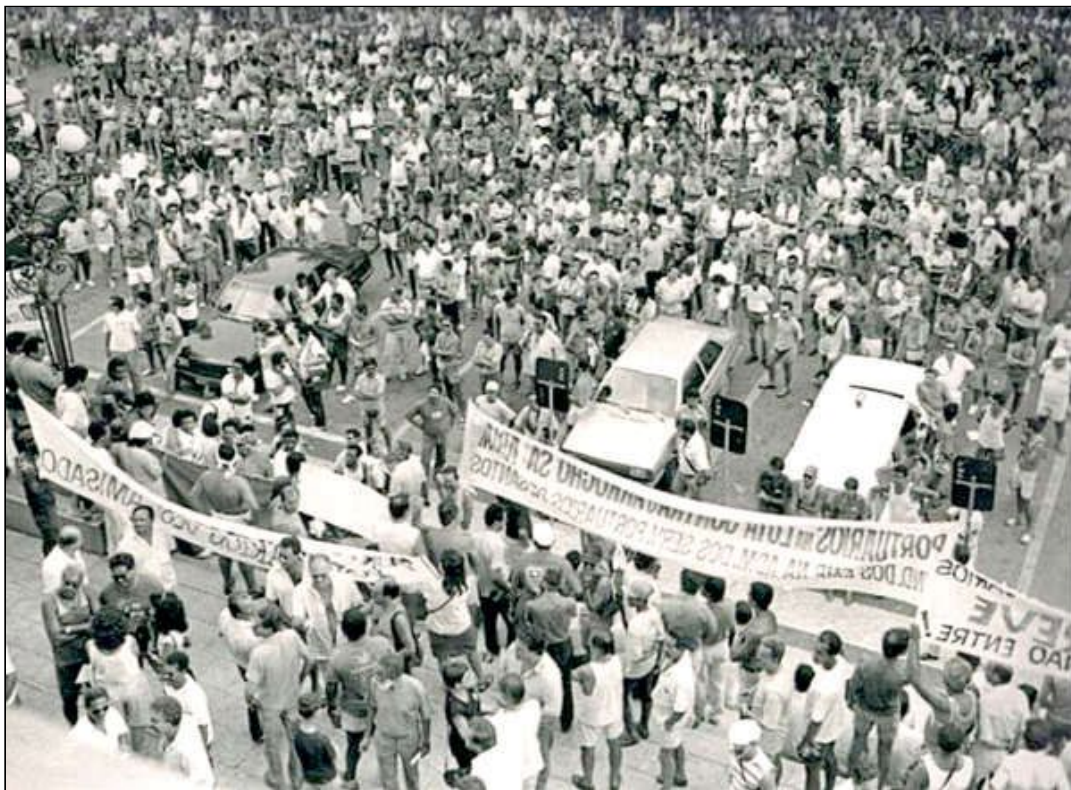
- Por que os trabalhadores do Porto de Santos decidiram entrar em greve no início de fevereiro de 1991? Qual era a principal reivindicação do movimento grevista?
- Quais categorias de trabalhadores a greve envolveu e quantos deles paralisaram as atividades?
- Podemos afirmar que a adesão à greve foi significativa ou poucos portuários aderiram? Justifique.

VOCÊ SABIA?

Greve é quando uma categoria decide coletivamente pela paralisação de suas atividades com o objetivo de obter direitos, aumentos salariais, impedir a supressão de direitos adquiridos ou protestar contra determinado ato ou situação.

Inflação é um índice que mede a variação média dos preços dos produtos em um determinado período. Por exemplo, a inflação de 2019 foi 4,31%. Em média, essa foi a variação dos preços entre janeiro e dezembro daquele ano. Nos anos 1990, as políticas do governo resultaram em índices de inflação gigantescos, que variavam entre 450 e 500% anuais!

d. O que acontece se os preços aumentam e os salários dos trabalhadores não acompanham essa variação? Com base no que você aprendeu, explique o trecho da notícia: "eles reivindicam 158,11% de reposição das perdas salariais do período de junho de 90 a janeiro de 91".



A greve dos portuários de Santos.

Fonte: https://cdn.diariodolitoral.com.br/upload/dn_noticia/2016/03/sindical11.jpg

Demitidos 5,3 mil funcionários do porto de Santos

Da Sucursal de Santos

A Companhia Docas do Estado de São Paulo (Codesp), administradora do porto de Santos, despachou ontem telegramas a 5,3 mil funcionários em greve, comunicando a rescisão contratual. A reação dos trabalhadores é esperada para hoje pela manhã. Eles decidiram ontem em assembleia invadir e ocupar a sede da empresa.

As demissões anunciadas são resultado de uma greve que hoje completa 15 dias. As dispensas dos trabalhadores atingem três categorias: operários portuários, motoristas rodoviários e operadores de guindastes e empilhadeiras. Eles reivindicam 158,11% de

reposição de perdas salariais. A greve foi julgada não-abusiva na segunda-feira, mas o Tribunal Regional do Trabalho (TRT-SP) apenas ratificou o que a empresa oferecia: a aplicação da medida provisória 295, que congelou preços e salários.

Na segunda-feira entraram em greve também os funcionários do setor administrativo, cerca de três mil, segundo a empresa. A paralisação do administrativo está impedindo as empresas importadoras de liberarem as mercadorias adquiridas no mercado externo.

Ontem, houve audiência de conciliação no TRT, mas sem avanço nas negociações. A reivindicação é a mesma das outras

categorias, 158,11% de reposição a partir de janeiro. Atualmente, segundo a Codesp, é de nove mil o número de trabalhadores parados no porto.

Ontem pela manhã, os operários em greve realizaram uma passeata pelas principais ruas do centro de Santos (65 km a sudeste de São Paulo), fazendo um enterro simbólico do presidente da Codesp, Paulo Peltier, 52. Hoje a passeata acontecerá após a assembleia e sairá do sindicato em direção à sede da empresa.

A intenção é invadir e ocupar o prédio. Até o final da tarde de ontem, segundo a empresa, não havia sido solicitado reforço da Polícia Militar. A assessoria de Imprensa da Codesp informou

que a segurança continuava a ser feita pela guarda portuária e por 15 agentes da Polícia Federal desde terça-feira.

Líderes sindicais dos portuários passaram terça-feira e ontem em Brasília onde se reuniram com o ministro do Trabalho, Antonio Rogério Magri e com o secretário Nacional dos Transportes, José Henrique D'Amorim. Segundo José Perez Cesar, 33, vice-presidente do Sindicato dos Operários e Portuários, Magri disse aos sindicalistas que não pudessem a ele para interceder junto ao presidente. "Ele nem quer ouvir falar de portuários", teria dito Magri, conforme relatou Cesar.

O presidente da Codesp, Paulo Peltier, disse que a greve e as

consequentes demissões necessitam do que está previsto em um projeto de lei enviado pelo governo ao Congresso esta semana. O projeto trata da desregulamentação das atividades portuárias com o fim de direitos de exclusividade sobre serviços conquistados pelos trabalhadores ao longo dos anos.

Segundo Peltier, com os trabalhadores demitidos, o serviço será entregue às empresas privadas ou cooperativas. A luta dos operários hoje tem dois flancos: a conquista salarial e a defesa do porto, ou seja, a manutenção nos empregos. A Codesp informou que de 6,04 mil grevistas apenas 50 voltaram ontem ao trabalho após a empresa ameaçar com demissões.

Folha de S. Paulo, 21 de fevereiro de 1991

- a. Após 15 dias de greve dos portuários, qual foi a reação da Companhia Docas do Estado de São Paulo (Codesp)?
- b. Como os portuários reagiram diante das demissões?
- c. A Codesp esperava a aprovação do Congresso Nacional ao projeto de lei nº8, que retirava dos trabalhadores o direito de exclusividade sobre certos serviços prestados e permitia que agentes não vinculados ao Sindicato dos Portuários, como grandes empresas multinacionais, passassem a operar no Porto. De acordo com o que você leu na reportagem:
- como as demissões dos portuários, durante a greve, podem estar relacionadas a esse projeto de lei?
 - como a Codesp pretendia substituir os 5,3 mil demitidos?
 - levante hipóteses sobre as razões para essa substituição.



A greve dos portuários de Santos.

Fonte:

<https://www.novomilenio.inf.br/santos/lendas/h0156y101.jpg>

Trabalhadores decidem por greve geral em Santos

Da Sucursal de Santos e Redação

Greve geral de 24 horas em solidariedade aos 5,3 mil portuários demitidos pela Companhia Docas de São Paulo (Codesp) está marcada para hoje na cidade de Santos. A expectativa é de baixa adesão na maioria das atividades econômicas.

A decisão da greve foi tomada ontem à noite, durante ato público promovido pelo Fórum Sindical da Baixada Santista, na praça Mauá, em frente à Prefeitura Municipal de Santos. Cerca de sete mil pessoas participaram do ato. Os organizadores calcularam 20 mil.

As assembleias por categoria que discutiram a greve contaram com pequena presença. Dos dois mil funcionários da empresa pública de transporte coletivo, por exemplo, apenas 20 decidiram a greve.

A prefeita Telma de Souza (PT), que se diz "solidarária" com os portuários desde o início da greve em 7 de fevereiro, mantém posição ambígua em relação à greve. Não liberou o ponto dos funcionários públicos municipais mas também não ameaçou descontar o dia dos que não forem trabalhar.

No setor de transportes, decisão para a sorte de qualquer greve geral, a Prefeitura de Santos tem interesse em fazer com que a empresa pública, a CSTC, funcione hoje.

Desde o início de sua gestão, Telma de Souza mantém um duelo com a viação Santos-São Vicente-Litoral, empresa privada de ônibus que opera linhas na cidade. Ela desapropriou os ônibus da Viação, perdeu na Justiça e teve que devolvê-los.

A imagem pública da CSTC está em jogo. Para a Viação será

uma vitória se a CSTC ficar parada hoje. Por isso, a direção da CSTC deve se empenhar para funcionar normalmente. A Viação não deve aderir à greve.

O Fórum Sindical reúne 33 sindicatos que representam cerca de 40 mil trabalhadores da região. Não conseguiu apoio para a greve de hoje da importante categoria dos metalúrgicos que decidiu parar apenas uma hora.

A estratégia dos líderes do Fórum é fazer uma "operação arrastão", ou seja, bloquear vias de acesso importantes para o tráfego de veículos. Com isso, pretendem impedir o funcionamento do comércio, dos bancos e do transporte coletivo.

A prefeita Telma de Souza decretou ontem estado de calamidade pública na cidade, que fica a 65 km a sudeste de São Paulo. O setor portuário é fundamental para a economia santista. Apesar do

empenho das principais lideranças políticas locais, não há perspectiva de término da greve nos próximos dias.

Ontem, houve confusão entre trabalhadores. Portuários que desejam voltar ao trabalho mandaram telegramas à direção da Codesp em que comunicavam sua decisão. A identidade de alguns deles foi descoberta pelos grevistas. Foram feitas ameaças e ocorreram discussões.

A Prefeitura de Santos começou ontem a cadastrar os demitidos para lhes fornecer cestas de alimentos e passagens gratuitas de ônibus. Foi enviado à Câmara Municipal projeto de lei que cria o "Fundo Santos contra o Desemprego".

O comércio fechou uma hora mais cedo ontem no centro da cidade por receio dos proprietários de lojas de que as passeatas que levavam ao ato público pudessem provocar incidentes.

Folha de S. Paulo, 28 de fevereiro de 1991.

Governo isolado

Governo recua e cancela demissões em Santos

Da Sucursal de Brasília

O governo não resistiu às pressões políticas e decidiu ontem suspender as demissões no porto de Santos. A decisão de readmitir os 5,3 mil portuários demitidos na semana passada foi anunciada pelo ministro da Infra-estrutura, Ozires Silva.

Em troca da suspensão das demissões, os portuários concordaram em suspender a greve, que durou 22 dias, e voltar hoje ao trabalho. O governo, em contrapartida, aceitou formar uma comissão para discutir as reivindicações dos portuários que não foram atendidas pelo Tribunal Regional do Trabalho (TRT), no julgamento do dissídio.

O recuo do governo no episódio das demissões em Santos foi uma decisão do presidente Fernando Collor, e teve forte influência dos ministros Antonio Rogério Magri, do Trabalho, e Jarbas Passarinho, da Justiça.

Magri atuou como principal intermediário nas conversações entre o governo e os sindicalistas. Passarinho se comprometeu a "interceder em favor dos portuários", após reunião de mais de duas horas com a prefeita de Santos, Telma de Souza, na terça-feira. Desse encontro participaram parlamentares de vários partidos, entre eles, os senadores Mario Covas (PSDB-SP) e Eduardo Suplicy (PT-SP) e os deputados Gastone Righi (PTB-SP) e Arnaldo Faria de Sá (PRN-SP).

Ozires considerava "irreversíveis" as demissões, até que, ontem pela manhã, foi comunicado pessoalmente pelo ministro da Justiça sobre a decisão presidencial. Em seguida, Ozires chamou

os sindicalistas que estavam reunidos com Magri no Ministério do Trabalho para anunciar a suspensão das demissões.

"Quero agradecer ao ministro Magri, que exerceu papel funda-

mental nas negociações", resignou-se Ozires ao informar o fim das demissões. O presidente do Sindicato dos Portuários de Santos, Adilson Rodrigues, admitiu que o acordo só foi possível depois do "envolvimento da classe política".

O ministro do Trabalho confirmou que os portuários já tinham concordado em suspender a greve em troca da suspensão das demissões na terça-feira. Magri justificou a resistência do governo em acatar a proposta com o seguinte comentário: "O presidente se sensibilizou, e reinou o bom senso".

O secretário nacional de Transportes, José Henrique D'Amorim, explicou que a comissão criada ontem servirá como fórum das discussões entre o governo e os portuários para tratar de questões salariais, demissões e modernização do porto de Santos. D'Amorim era quem mais fazia restrição à readmissão dos demitidos no Ministério da Infra-estrutura.

Em sua opinião, não há condições para que o reajuste de 33% concedido pelo TRT aos portuários seja revisto agora. Ele diz que o porto consome 85% de suas receitas com a folha de salários e lamentou as dificuldades que enfrenta para demitir um excedente de 2 mil funcionários.

"Não podemos falar em aumento de salários se não houver um aumento de produtividade", afirmou D'Amorim.

Folha de S. Paulo, 1º de março de 1991.

- Como os trabalhadores de Santos reagiram às demissões dos portuários da cidade?
- Que estratégias os grevistas empregaram durante a greve geral para conseguir paralisar a cidade?

- c.** Por que a Prefeita de Santos decretou estado de calamidade pública? Que outras medidas foram tomadas pela Prefeitura em solidariedade aos demitidos?
- d.** Como foi o envolvimento do poder público e dos políticos em relação às demissões na Codesp e à greve geral?
- e.** A greve geral de 24 horas obteve sucesso em suas demandas? Justifique.

Atividade 4. Produção de um podcast



O podcast é um arquivo de áudio digital transmitido on-line. Pode ter vários formatos e os mais comuns são: debate, entrevista, documentário, narrativa/histórias.

- Forme um grupo com quatro ou cinco membros.
- Converse com seu grupo para escolher o melhor formato e, mãos à obra, use e abuse da criatividade!
- Para começar, vocês devem comparar as entrevistas que foram realizadas na atividade 2.
- Depois, comparem essas entrevistas com o que aprenderam sobre a greve de 1991 na atividade 3. Quais são as principais diferenças e semelhanças?
- Partindo das entrevistas e do que foi estudado nessa atividade, produzam um podcast sobre a greve de 28 de fevereiro de 1991.
- Vocês podem pesquisar para aprofundar seus conhecimentos sobre o tema.
- Por fim, conversem com o(a) professor(a) sobre como compartilhar o podcast com a turma.

DICAS PARA CRIAR UM PODCAST

1. Escolha um tema.
2. Defina o(s) participante(s).
3. Crie um roteiro para organizar o pensamento.
4. Faça um ensaio para a gravação.
5. Escolha um local para a gravação com pouco ruído.
6. Edite sua produção, caso seja necessário.
7. Compartilhe ou publique seu podcast.

- Você pode usar os aplicativos de gravação de voz do seu smartphone, tablet ou computador.
- Outra opção é o aplicativo [Anchor](#), que é gratuito e bastante intuitivo, facilitando a edição do seu podcast.

SAIBA MAIS

ALBERTO, Fernando. *28 de fevereiro - a vitória da resistência*. Documentário. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Fi5dbPHxdIq>, 2019. Acesso: 18/08/2020.

Com pouco mais de 20 minutos, o documentário sobre a Greve Geral de 1991 reúne depoimentos de diversos sujeitos envolvidos no evento, como os portuários e seus familiares, políticos, economistas, jornalistas e membros da direção da Codesp.



A intervenção em Santos e a luta por redemocratização na cidade

Atividade 1. Esmeraldo Tarquínio



UME Prefeito Esmeraldo Tarquínio.



Esmeraldo Tarquínio.

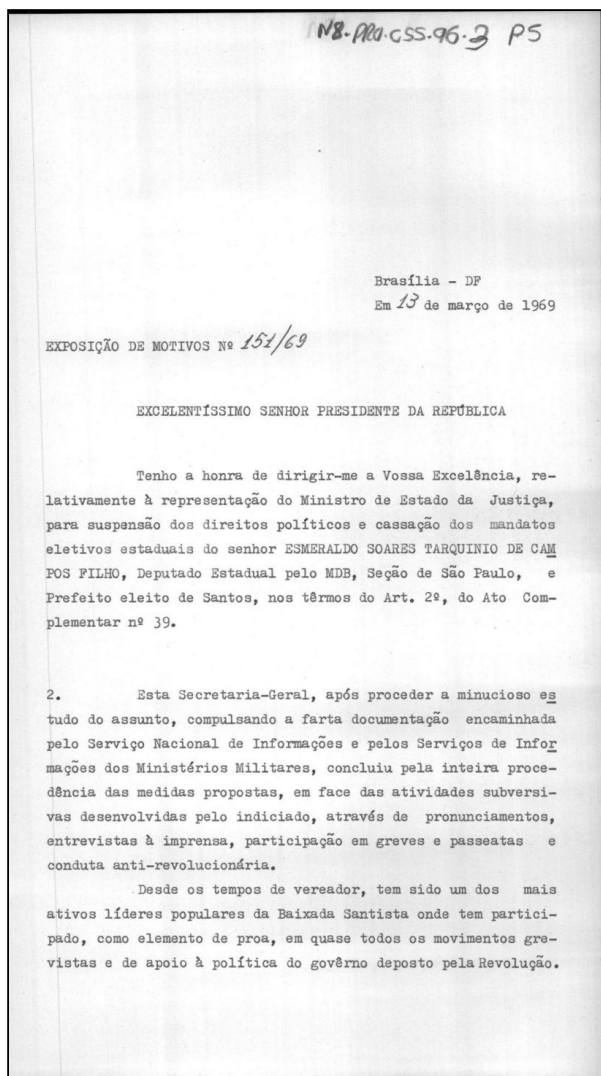


Lápide no túmulo de Esmeraldo Tarquínio.

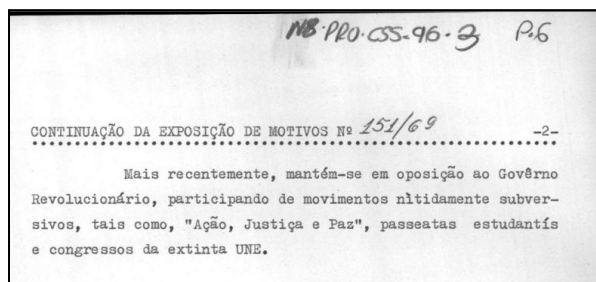
- a. Você já ouviu falar de Esmeraldo Tarquínio? Sabe quem foi ele e para quais cargos foi eleito em nossa cidade?
- b. Recentemente, Esmeraldo Tarquínio recebeu postumamente a condição honorífica de Prefeito de Santos. Na lápide de seu túmulo, pode-se ler a placa "Nosso eterno Prefeito de Santos, 1968-". Uma das escolas municipais de Santos chama-se UME Prefeito Esmeraldo Tarquínio. Quais motivos podem ter levado o Poder Público a homenagear a memória desse homem e a reconhecê-lo oficialmente como Prefeito de Santos?

Atividade 2. Análise de fontes históricas

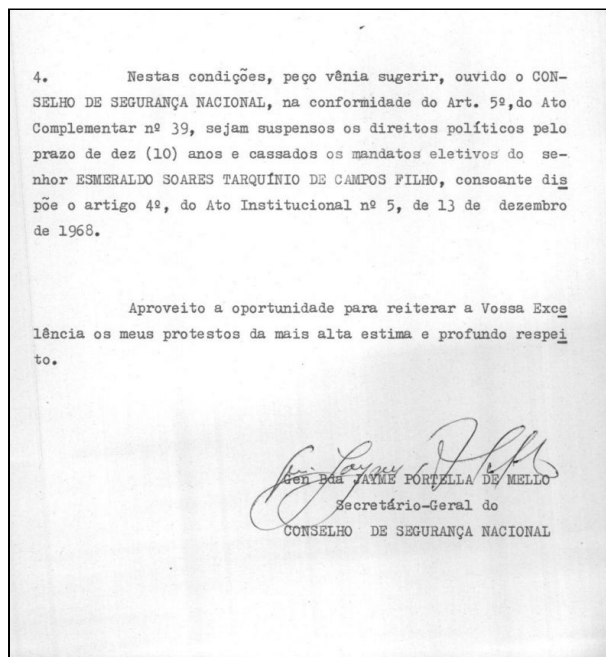
Leia os excertos dos documentos abaixo, extraídos de um Processo do Conselho de Segurança Nacional (CSN) e do Ato Institucional nº5. Em seguida, responda às questões propostas.



1



2



3

Excerto do *Ato Institucional nº5*, de 13 de dezembro de 1968:
"Art. 4º - No interesse de preservar a Revolução, o Presidente da República, ouvido o Conselho de Segurança Nacional, e sem as limitações previstas na Constituição, poderá suspender os direitos políticos de quaisquer cidadãos pelo prazo de 10 anos e cassar mandatos eletivos federais, estaduais e municipais."

Questões

- a. Qual a data do processo e quem era o acusado?
- b. Quem foi o autor do processo e qual cargo ocupava?
- c. Qual a pena proposta no processo contra o acusado?
- d. Em que legislação o acusador se baseou ao propor a pena?
- e. No processo, quais seriam os motivos apresentados visando a provar a culpa do acusado?
- f. Ao empregar o termo "Revolução", a qual evento da história brasileira o autor do documento estava fazendo referência? Essa visão pode ser considerada neutra? Justifique.

Atividade 3. Análise de fontes históricas

Alguns meses após a cassação de Esmeraldo Tarquínio, foi publicado o decreto-lei nº 865. Leia abaixo o conteúdo do decreto para, em seguida, responder às questões.

Decreto-Lei nº 865, de 12 de Setembro de 1969

Declara de interesse da Segurança Nacional, nos termos do artigo 16, parágrafo 1º, alínea "b", da Constituição, o Município que especifica, e dá outras providências.

OS MINISTROS DA MARINHA DE GUERRA, DO EXÉRCITO E DA AERONÁUTICA MILITAR, usando das atribuições que lhes confere o artigo 1º do Ato Institucional nº 12, de 31 de agosto de 1969, combinado com o § 1º do artigo 2º do Ato Institucional nº 5, de 13 de dezembro de 1968,

DECRETAM:

Art. 1º É declarado de interesse da Segurança Nacional, para os efeitos do disposto no artigo 16, § 1º, alínea b, da Constituição, o Município de Santos, no Estado de São Paulo.

Parágrafo único. O Prefeito do Município de que trata este artigo somente será nomeado depois de cessada a intervenção federal a que se acha ele submetido.

Art. 2º Ao Município referido no artigo anterior aplica-se o disposto nos artigos 2º até 5º e seus parágrafos da Lei nº 5.449, de 4 de junho de 1968, alterada pelo Decreto-lei nº 560, de 29 de abril de 1969.

Art. 3º Este Decreto-lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Brasília, 12 de setembro de 1969; 148º da Independência e 81º da República.

AUGUSTO HAMANN RADEMAKER GRÜNEWALD
AURÉLIO DE LYRA TAVARES
MÁRCIO DE SOUZA E MELLO
Luís Antônio da Gama e Silva

Excerto do *Ato Institucional nº 5*, de 13 de dezembro de 1968:

"Art. 2º - O Presidente da República poderá decretar o recesso do Congresso Nacional, das Assembleias Legislativas e das Câmaras de Vereadores, por Ato Complementar, em estado de sítio ou fora dele, só voltando os mesmos a funcionar quando convocados pelo Presidente da República.

§ 1º - Decretado o recesso parlamentar, o Poder Executivo correspondente fica autorizado a legislar em todas as matérias e exercer as atribuições previstas nas Constituições ou na Lei Orgânica dos Municípios."

Questões

- Quem são os autores do decreto-lei nº 865?
- O que esse decreto determinou?
- Quais as consequências do decreto nº 865 para a cidade de Santos?

Atividade 4. Leitura de texto e pesquisa

Esmeraldo Tarquínio foi o primeiro e único negro eleito Prefeito na história de Santos. Após a cassação de seu mandato como deputado estadual e a suspensão de seus direitos políticos por 10 anos, fato que o impediu de assumir o cargo de Prefeito, a ditadura militar determinou que Santos passaria a ser "área de interesse para a segurança nacional", suprimindo a autonomia política da cidade. A partir daí, o governo ditatorial deixou de realizar eleições para Prefeito em Santos e passou a nomeá-los, ignorando a vontade popular.

Isso tudo ocorreu não apenas pela importância estratégica do maior porto da América Latina, do ponto de vista econômico e militar, mas, principalmente, pelo extenso histórico de luta sindical e contestação política presentes em Santos, então conhecida como "Terra da Liberdade", "Cidade Vermelha" ou "Moscou brasileira", entre outros apelidos, em razão do forte enraizamento da militância comunista no movimento sindical local e na política da cidade.

Após o golpe civil-militar de 1964 não seria diferente. Santos continuou a ser um polo de oposição política à ditadura, como reconheceu o Comando de Artilharia de Costa e Antiaérea da 2ª Região Militar, em 1969, para quem "Santos é hoje, sem dúvida, o maior campo político da ANTI-REVOLUÇÃO, tanto no que diz respeito ao MDB como à ARENA". Assim, a deposição de Esmeraldo Tarquínio e a declaração da cidade como área de interesse para a segurança nacional, bem como as prisões e cassações de políticos de oposição, sindicalistas, jornalistas, professores, advogados, entre outros sujeitos, estiveram relacionadas ao objetivo de desmantelar a organização política e sindical na cidade, seja dos setores comunistas ou daqueles comprometidos com a luta democrática. Agindo dessa forma, a ditadura pretendeu aniquilar a combatividade do movimento sindical e político santista, perseguindo todos os que divergiam do regime.

a. Podemos afirmar que o reconhecimento de Esmeraldo Tarquínio como Prefeito de Santos foi um ato de reparação histórica? Justifique sua resposta.

b. Pesquisa: Após a ditadura determinar a intervenção sobre Santos, com o Decreto nº 865 de setembro de 1969, os jornais da cidade chegaram a publicar sobre a possibilidade de que essa intervenção fosse algo momentâneo, com novas eleições para 15 de novembro de 1970. Mas não foi o que aconteceu. Assim como a ditadura, a intervenção sobre Santos permaneceu por muito tempo.



Capa do jornal *A Tribuna*, de 13 de setembro de 1969

Faça uma pesquisa sobre o processo de resistência à ditadura e a luta pela redemocratização em Santos. Em seu texto, tente responder às seguintes questões:

- Que partidos, entidades e movimentos sociais atuaram na cidade nesse período e se mobilizaram em luta pela redemocratização do país? Como foi essa atuação?
- Quando Santos recuperou sua autonomia política e como isso foi conquistado?

Democracia à deriva: o navio prisão Raul Soares e a ditadura civil-militar no Brasil

Atividade 1. Observação das imagens e registro de hipóteses para as questões a seguir



1



2



3

- Quem são as pessoas da fotografia 1 e em qual local elas estão?
- Quem podem ser as pessoas na imagem 2?
- Você já ouviu falar do navio que aparece na imagem 3? Qual o seu nome e a sua função em 1964?

Atividade 2. Vídeo: Moradores da região contam histórias do navio Raul Soares na época da ditadura

Clique na imagem ao lado para assistir à reportagem de um telejornal local a respeito do Navio Raul Soares. Em seguida, responda às questões propostas. Você também pode consultar o texto de apoio, disponível no final dessa atividade, na seção "Anexo".



- O que foi o Navio Raul Soares, onde e quando ele ficou ancorado?
- Quem podia ser encarcerado no Raul Soares e por quais motivos?

- c. Como eram as condições de vida dos presos políticos no Raul Soares? Justifique sua resposta com informações da reportagem.
- d. Quais as consequências da experiência no navio-prisão Raul Soares para os presos e seus familiares?
- e. Para os presos, que importância pode ter o reconhecimento oficial de que eles foram vítimas da ditadura?

Atividade 3. Você historiador



Faça uma pesquisa sobre a experiência dos presos políticos do Navio Raul Soares. Você deve selecionar um dos presos e investigar: a) a documentação policial referente a ele; b) o relato do preso sobre a experiência no navio-prisão.

Em sua pesquisa, identifique:

- 1) nome do preso;
- 2) profissão;
- 3) atuação política;
- 4) os motivos e circunstâncias da prisão;
- 5) a experiência no navio;
- 6) a violação aos direitos humanos no navio. Houve violações no caso que você pesquisou? Como elas ocorreram?

Materiais de consulta para a sua pesquisa



Declaração
Universal
dos Direitos
Humanos

Clique na imagem ao lado se desejar consultar a Declaração Universal dos Direitos Humanos.



Clique na imagem ao lado para consultar a lista de nomes dos presos no navio Raul Soares. É a partir de um desses nomes que você deve fazer sua pesquisa.



Clique na imagem ao lado e acesse os prontuários dos presos políticos do Raul Soares, disponíveis no Fundo DOPS-Santos localizado no acervo do Arquivo Público do Estado de São Paulo (Aesp).

Veja na próxima página como fazer a sua pesquisa!



Clique na imagem ao lado e acesse o jornal *Diário do Litoral*. Lá, você pode pesquisar a série de reportagens sobre o Navio Raul Soares, nas quais os presos relatam suas experiências no navio-prisão.

Ex-presos políticos do Raul Soares em Santos.

Atenção: caso você não tenha acesso à internet, há um texto e algumas reportagens na seção "Anexos", ao final deste capítulo. Você pode consultá-los para fazer sua pesquisa.

Como fazer sua consulta no Aesp

Escolha um ou mais filtros abaixo

Documento
DOPS Santos

Nome / Título
Argeu Anacleto da Silva

Prontuário
Prontuário

Buscar Limpar

Resultado da Pesquisa

Total de 1 registro(s) encontrado(s)

Documento	DOPS Santos
Nome / Título	SILVA - Argeu Anacleto da Silva
Nº de Prontuário	8918
Observação	Contém 01 Foto;

Visualizar Documento

1. No campo "Documento", escolha o filtro "DOPS Santos".
2. No campo "Nome/Título", digite o nome do preso que você deseja pesquisar.
3. Se não encontrar algum prontuário, você pode tentar buscá-lo pela [ficha](#) do preso. Na ficha, anote o número do prontuário. Em seguida, volte à busca [Documento](#) e insira o número anotado no campo "prontuário".
4. No exemplo acima, o nome pesquisado foi "Argeu Anacleto da Silva" e o resultado da busca foi de 1(um) registro. Para visualizá-lo, basta clicar em "Visualizar documento".

SECRETARIA DA SEGURANÇA PÚBLICA
DEPENDÊNCIA ST/DOPS/SANTOS

ARGEU ANACLETO DA SILVA:
Filho de Benedito Orosório da Silva e Benedita Dorotéia Assaro, nat. de Ilhabela/SP, nasc. em 11.07.1929, port. do Rio de Janeiro, com. rec. à rua 18 - Q. 3 - L. 6 - Vila Lúcia - Guarujá.

SINTESE POLÍTICO-SOCIAL

25.10.1961 - Eleito para o Conselho Fiscal, do Sindicato dos Operários nos Serviços Portuários de Santos, para o biênio 1962/63.

20.09.1962 - Preso à rua do Comércio, 5, 3º andar, sede do jornal comunista "Novos Rumos", quando em companhia de outros comunistas, recebeu multa de carcerismo, multas e conceitos de segurança, já que era ali, que o edifício do SCS, onde eram doutrinando os adeptos do credo varzeano.

10.09.1962 - Indiciado em Inquérito Policial, por atividades subversivas junto ao Fórum Sindical de Debatida.

12.07.1963 - Indiciado em Inquérito Policial (Paralisação do trabalho, de interesse coletivo), como incurso no art. 201 do Código Penal.

10.06.1963 - Qualificado, interrogado, e indiciado em Inquérito Policial pela SOPS, como incurso no art. 201 do C.P. e art. 1) da Lei de Segurança Nacional (art. 1º da Lei de Segurança Nacional).

23.10.1963 - Reeleito para o Conselho Fiscal, do Sindicato dos Operários nos Serviços Portuários de Santos.

30.01.1964 - Por despacho do Ex. Juiz da 2ª. Vara Criminal, foi arquivado o processo no qual foi indiciado em data de 15.08.63, por fragilidade de provas.

18.06.1964 - Decretada sua prisão preventiva, juntamente com mais 15 elementos, os quais promoveram agitação no meio da classe sindical, durante o governo deposto (Sr. Vera Cristiana Costa Coimbra).

07.08.1964 - Confirmada sua prisão preventiva pelo Ex. Juiz da 2ª. Vara Criminal, em consequência de que ficou a paralisado pelo IEM instalado no porto, para apurar atividades subversivas junto aos sindicatos de G. L.

12.05.1964 - Foi recolhido ao navio presídio "Paul Soares".

24.10.1964 - Conforme publicação nesta data, foi posto em liberdade vigiada.



SECRETARIA DA SEGURANÇA PÚBLICA
SERVIÇO DE IDENTIFICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE IDENTIFICAÇÃO

DATA: 13/07/1964 REG. GERAL N.º

DELEGACIA de Santos

Nome: ARGEU ANACLETO DA SILVA Data de nascimento: 11/07/1929
Vale: 13 julho 1964
Filiação (pai): BENEDITO OROSÓRIO DA SILVA Benedita Dorotéia de Assaro
Cidade: Santos Estado: SP
Profissão: Operário
Materiais pertencentes, dentaduras e tatuagens: Nenhum
Fotografado: Sim
Lugar onde nasceu: Vila Lúcia - S.P. de Santos
Residência (domicílio): Rua 18 - Quadra 3 - Lote 6 Vila Lúcia, Guarujá
Número da prisão: 12000
VITIMA: Não
Data da ocorrência: 10/09/62 na delegacia policial
Quer e filia de antecedentes: Não Central do processo em data anterior

HAVENDO FOTOGRAFIA COLOCAR AQUI

ATENÇÃO
Mencionar no verso, notas e liberações após prisão - processo - subseqüente - identificação anterior - lugares onde tem residência nos últimos 3 anos - "residência operária" - lugares que costuma frequentar - preferências de trabalho - preferências pessoais - etc.

IMPRESSÕES DA MÃO DIREITA

Assessor de Identificação: Argeu Anacleto da Silva
Assessor de Arquivamento: Kloster

Trechos do prontuário de Argeu Anacleto da Silva.

Agora que você já fez o exercício de pesquisa no Fundo Deops, disponibilizamos, a seguir, o link direto para a consulta aos prontuários de alguns presos políticos do Navio Raul Soares. Você pode escolher um deles como fonte para sua pesquisa ou pode consultar um dos que você mesmo pesquisou na etapa acima. Não se esqueça de cruzar as informações dessa documentação policial com os relatos dos próprios presos nas reportagens do *Diário do Litoral*. Por meio desses relatos você poderá verificar a experiência dos presos no navio e a questão da violação aos direitos humanos pela ditadura civil-militar.

<u>Argeu Anacleto da Silva</u>	<u>Ademar dos Santos</u>	<u>Iradiel Santos Melo</u>
<u>Osmar Campos Alves Golegã</u>	<u>Waldemar Neves Guerra</u>	<u>Vitorino Nogueira</u>
<u>Nelson Gatto</u>	<u>Nelson da Silva</u>	

ANEXOS

1. O navio prisão Raul Soares e o golpe de 1964 em Santos

Desde o final do século XIX, com a construção do Porto, Santos tornou-se um espaço no qual trabalhadores imigrantes, migrantes e ex-escravos compartilharam suas experiências em meio à circulação de ideias socialistas e anarquistas e da marcante presença do Partido Comunista do Brasil (PCB) - fundado em 1922 - nos locais de trabalho e sindicatos.

Assim, no início dos anos 1960, Santos consolidou-se como um polo de grande mobilização social e política, o que rendeu à cidade apelidos como "Barcelona brasileira", "Moscou brasileira", "Porto vermelho", entre outros. Para os militares, essas características colocavam Santos em sua lista de "cidades vermelhas" e, não por acaso, no alvorecer do golpe civil-militar de 1964, lideranças sindicais e estudantis foram perseguidas, sindicatos e a própria prefeitura sofreram intervenções, políticos eleitos foram cassados e um grande expurgo atingiu os próprios militares identificados com o governo do presidente João Goulart.

Entre as diversas ações repressivas empreendidas pela ditadura em Santos, o uso do navio Raul Soares como prisão é uma das mais significativas. Até tornar-se presídio em 1964, o Raul Soares percorreu um longo caminho desde sua fabricação em 1900, recebendo diferentes nomes e funções à medida que mudavam seus proprietários. Com o golpe de Estado em 1964, o navio, então pertencente à empresa Lloyd Brasileiro, foi rebocado do Rio de Janeiro até o estuário de Santos, onde ficou atracado em um banco de areia nas proximidades da Ilha Barnabé. Lá, o Raul Soares passaria a receber os presos políticos da ditadura, a maior parte deles trabalhadores envolvidos nas inúmeras greves dos anos 1950 e 1960 e militares que não haviam apoiado o golpe. Entretanto, lideranças estudantis e professores universitários também foram mantidos no cárcere flutuante.

Durante os sete meses que o navio ficou ancorado em Santos, os presos políticos foram interrogados, sofreram torturas físicas e psicológicas e conviveram em condições inóspitas de

encarceramento em uma embarcação que estava em condições precárias. O navio era dividido em três calabouços, curiosamente apelidados com os nomes de tradicionais boates localizadas na região portuária de Santos: "El Morroco", "Night And Day" e "Casablanca".

O "El Morroco" era um grande salão de metal enferrujado e sem janelas, com temperatura interna de cerca de 50 °C, em razão da proximidade com as caldeiras. Já o "Night And Day" era uma pequena sala, onde os presos ficavam imersos em água gelada até os joelhos. O "Casablanca" era o calabouço mais temido pelos presos por ser o local onde eram despejadas as fezes dos prisioneiros.

Uma das práticas de tortura era a transferência contínua dos presos entre as celas "quentes" e "frias", ou seja, as que ficavam ao lado da caldeira e as que ficavam próximas ao frigorífico do navio. Aliadas a isso, as constantes ameaças, como a de rebocar o navio até alto mar e afundá-lo, transformaram a prisão flutuante em um destino temido por todos na Baixada Santista.

Em 23 de outubro de 1964, o Raul Soares, já sem presos políticos, foi rebocado rumo ao Rio de Janeiro onde foi desmontado e vendido como sucata. Contudo, as narrativas das violências ocorridas no navio-prisão não zarpavam com ele. Elas ficaram no cais, na memória dos presos, de seus familiares e na biografia da cidade. Assim, preservar essas memórias é fundamental para que as novas gerações possam conhecer a história e saber das lutas em defesa da democracia e dos direitos humanos.

2. Navio-Prisão Raul Soares: memórias do cárcere flutuante

Há 49 anos, navio da repressão ao sindicalismo era desativado no Porto de Santos

Santos (SP), junho de 1964. Cais do maior porto da América Latina. Era uma madrugada fria, de chuva intermitente e de ventos fortes. A maré batia no negro casco da pesada embarcação, que mesmo ancorada num banco de areia, trepidava lentamente com as marolas formadas pelas águas em elevação. O jovem médico, de cabelos de "fogo", é acordado no rude catre de sua cela inexpugnável, no interior do navio-prisão Raul Soares, pelos gritos de um soldado da Marinha do Brasil que apontava uma metralhadora em direção ao seu peito. O soldado estava nervoso. Muito nervoso. A ponto de tremer com a arma na mão. É que um preso havia tentado o suicídio e cortado os pulsos. Alegava que não aguentava mais viver as torturas, pois as violências físicas e psicológicas imperavam no interior daquele navio-presídio.

Ele sangrava muito e o sangue escorria de seus pulsos para o chão no corredor do navio. Foi levado para a enfermaria, mas não havia médico e nem enfermeiros na embarcação. Ao lado, entretanto,

ficava a cela do jovem médico de nacionalidade alemã e de cabelos ruivos ou avermelhados, que havia sido preso no prédio da USP, em São Paulo, com ordens superiores e expressas de que deveria ficar incomunicável. Ou seja: não poderia ter nenhum contato dentro e nem no convés do navio, improvisado como presídio-flutuante.

Desesperado e sem saber o que fazer diante dessa situação de emergência, principalmente após ver e rever o rastro de sangue deixado no chão da embarcação, o soldado da Marinha resolveu desobedecer essa ordem, infringir a hierarquia, e acordar o preso, pois sabia que ele era médico.

Este episódio, que estamos narrando quase cinco décadas depois, foi contado pelo próprio personagem principal, direto de Nova Iorque, Estados Unidos. Dr. Thomas Maack é o médico ou o personagem, que emocionado narrou a história para ser publicada nesta reportagem sobre os 49 anos da desativação do navio-prisão, revivendo os fatos ocorridos no longínquo ano de 1964. E foi esse episódio que mudou sua vida, conforme ele conta com todos os detalhes ao site do *Diário do Litoral*.

O soldado gritava: "Você é médico, não é? Então atenda essa emergência". Thomas Maack, detido pela recém Ditadura Militar implantada no Brasil e que havia sido levado há poucos dias aos calabouços do navio-prisão, foi retirado de sua cela e conduzido a uma outra, bem ao lado da sua, uma espécie de enfermaria, mas sem médicos, sem enfermeiros e também quase sem nenhum tipo de material de primeiros-socorros.

"Falei para o soldado abaixar a arma porque não tinha condições de atender o paciente com uma metralhadora apontada para minha direção. Ao examinar o prisioneiro ferido, percebi que o corte era apenas superficial, só que o sangue continuava abundante", relata Thomas Maack.

E prosseguiu: "Fiz o atendimento mediante uma sutura e pedi que ele fosse encaminhado ao hospital sob o argumento de que não iria me responsabilizar por sua vida, uma vez que ele havia perdido muito sangue. Sem contar que poderia pegar uma infecção pois, no navio, não havia condições higiênicas de atendimento", enfatiza o médico. Diante desse diagnóstico, foi prontamente atendido e o preso encaminhado à Santa Casa de Santos.

Ele diz que os militares tinham medo de que ocorressem mortes no interior do navio-prisão e por isso mesmo estavam inseguros diante da tentativa de suicídio que originou em seu primeiro atendimento médico aos presos. Elogia as mulheres de estivadores e portuários que ficavam de vigília no Porto de Santos diuturnamente. "Essa presença física das mulheres foi importante também para preservar as vidas dos presos. Os oficiais tinham medo de que se algo de errado acontecesse, poderia se espalhar pelo País e manchar a falsa imagem por eles transmitidas de que tudo

estava bem e tranquilo dentro da embarcação. E, principalmente, a mentira de que os presos eram bem tratados e tinham todo conforto no interior do navio-presião".

Testemunha e personagem do Navio-Presídio

Este episódio do primeiro atendimento médico dentro do navio não só salvou a vida do prisioneiro ferido como também mudou a vida do médico Thomas Maack, que estava preso, incomunicável, mas a partir desse fato era constantemente chamado para as emergências médicas no interior da embarcação, onde prestava os primeiros socorros. Com isso, atendeu e conheceu muitos líderes sindicais e foi testemunha dos maus tratos, torturas e terrorismo psicológico a que eram submetidos, conseguindo, finalmente, após longos dias preso, transmitir um recado para sua esposa Isa, em São Paulo, que soube de sua prisão, mas até aquele momento, não sabia para onde ele havia sido levado.

Maack informa como isso ocorreu: "Devido à minha atividade médica, através de um guarda da polícia marítima de Santos, consegui pela primeira vez mandar um recado para minha esposa dizendo onde estava, quebrando assim a incomunicabilidade com a família sem o conhecimento do Coronel Alvim (Sebastião Alvim). A minha incomunicabilidade oficial somente terminou um pouco antes do navio ser desativado em fins de outubro de 1964".

Um rosto anônimo na história

Em todos os relatos e nos livros escritos sobre a embarcação, que ficou atracada no Porto de Santos, servindo de prisão política flutuante, o jovem médico sempre foi mencionado, mas poucos sabiam seu nome e seu destino após a desativação do navio. Para muitos presos daquele navio, ele era apenas uma lenda ou simplesmente um mito, um rosto quase anônimo, mas sempre lembrado como uma boa recordação pelos sindicalistas por ele atendidos, tendo suas vidas salvas naquele difícil período da Ditadura Militar no Brasil.

De um detalhe todos se lembram: o médico tinha os cabelos de "fogo", pois ele era ruivo, de cabelos quase avermelhados. O falecido jornalista Nelson Gatto, um dos presos políticos do navio e autor do livro Navio-presídio, lançado em 1965, refere-se sempre ao médico como um jovem professor de cabelos de "fogo", outros presos o chamavam de médico de cabelos de "tomate", em alusão ao tom avermelhado. Ele relata cenas de horror, tortura, violência e falta de respeito que imperavam naquele navio da ditadura.

O navio-presião Raul Soares foi desativado em 23 de outubro de 1964. Não tinha mais forças para navegar. Deixou o Porto de Santos, próximo à Ilha Barnabé, sendo rebocado para o Rio de Janeiro onde, no dia 2 de novembro, virou sucata, ou seja "morreu"

no Dia de Finados, levando consigo as dores silenciosas de estudantes, presos políticos e sindicalistas.

Thomas Maack é pesquisador de renome internacional e professor titular de Fisiologia da Weill Cornell Medical College (Escola Médica da Universidade de Cornell), da cidade de Nova Iorque. Antes de ser preso e levado para o navio no Porto de Santos, Maack diz que já se dedicava às pesquisas médicas. Casado com a brasileira Isa e até então pai de uma menina, ele diz que, no início da carreira, tinha que fazer renda para sustentar a família e se dispôs a trabalhar nos plantões médicos na periferia de São Paulo. "Prestar atendimento aos presos do Raul Soares não foi nenhuma novidade, a não ser pelo ambiente diferente de um pronto-socorro e pela falta de estrutura e de medicamentos e pelas crueldades das torturas praticadas contra os presos, sem contar que essa não era a minha especialidade, pois sempre me dediquei à pesquisa".

Prisão foi no prédio da USP

Em 1964, o País vivia tempos turbulentos da Ditadura Militar. Em 1º de abril daquele ano o presidente João Goulart foi deposto do cargo e o Brasil naufragou num período bastante turbulento de sua história. Quem se opunha ao Governo e ao Regime era preso. Bastava uma desconfiança para que agentes do extinto Departamento de Ordem Política e Social (Dops) recebessem incumbências militares para efetuar prisões.

No dia 8 de junho daquele ano, esses agentes acompanhados por militares à paisana invadiram o prédio da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (USP) para prender o médico sob acusação de subversão. "Eu estava em meu laboratório quando isso ocorreu, pois era auxiliar de ensino no Departamento de Fisiologia", conta o médico, que por alguns instantes não consegue esconder a emoção da lembrança e isto é visível mesmo através da tela do computador.

Ele informa que teve intensa atividade política e estudantil. Como universitário ajudou a fundar a União dos Estudantes Nacional em Medicina (UNEM). "A minha atividade política, como a de muitos da minha geração, era dirigida para a emancipação econômica do País e pela luta contra injustiças econômicas e sociais em geral".

O médico e professor diz que como estudante e docente participou ativamente na luta pela autonomia universitária, substituição do serviço militar obrigatório por atividade médica compulsória em regiões carentes de médicos no Brasil e abolição do trote de calouros para protegê-los contra humilhações e violências praticadas por veteranos.

Levado ao navio-prisão

Maack relata como foi sua chegada ao navio-prisão e as constantes ameaças que recebia. "Após alguns dias preso, o Coronel Sebastião Alvim decidiu quebrar o meu silêncio mandando-me para o navio-prisão Raul Soares ancorado no porto de Santos. Essa decisão não foi comunicada a minha família que ficou por algumas semanas incerta de onde estava. O Coronel Alvim deu ordens estritas de manter a minha incomunicabilidade até poucos dias antes da desativação do "Raul Soares", em fins de outubro. Os interrogatórios continuavam no navio com uma frequência algo menor do que em Quitaúna, mas as ameaças de prender a minha esposa continuavam a ser parte constante desses interrogatórios.

Numa cela inundada

No "Raul Soares" fiquei isolado dos outros prisioneiros numa cabine individual, sendo também proibido de me comunicar com outros prisioneiros quando no convés do navio. A intenção foi a de me punir com isolamento absoluto com o objetivo de quebrar o meu silêncio. Quando cheguei ao navio, fui colocado numa cela inundada. A água não permitia que dormisse na parte de baixo do beliche, só na parte de cima. Fiquei, a princípio, assustado com aquele ambiente.

O meu isolamento teve que ser quebrado porque o navio, contando com dezenas de prisioneiros políticos, muitos deles idosos e doentes e abrigados em péssimas condições no porão do navio, não tinha um único médico e eu era constantemente chamado para tratar emergências (febres altas, tuberculose ativa, desidratação, distúrbios gastrointestinais, tentativa de suicídio, quadros psicóticos agudos, convulsão epiléptica, foram algumas das emergências que atendi). Assim, como "médico do navio" consegui quebrar o meu isolamento e me comunicava com os outros prisioneiros.

Também tratei de guardas da polícia marítima de Santos, fuzileiros navais que guardavam prisioneiros e mesmo oficiais da marinha que comandavam o navio-prisão.

Devo dizer, todavia, que as condições para atendimento de doentes eram tão precárias no navio, que quase nada podia fazer. Isso aliado, a bem da verdade, a minha relativa inexperiência já que eu tinha me formado somente 2,5 anos antes de ser preso e desde a minha formatura eu tinha me dedicado mais à pesquisa e vida acadêmica do que à prática médica.

Quando o caso era grave ou o prisioneiro era muito idoso eu ameaçava o comandante do navio que se ele não transferisse o doente para um hospital em Santos, eu não podia mais me responsabilizar. Assim consegui, de acordo com o coletivo de prisioneiros do navio, retirar do navio alguns prisioneiros idosos e doentes. Isso pode ter salvo algumas vidas, do que me orgulho.

Na época, o comandante do navio tinha muito medo que algum prisioneiro morresse no navio, graças, em parte, à intensa vigília por parte de mulheres de sindicalistas que estavam presos no navio.

Fuga e exílio em Nova Iorque

Com a desativação do navio-prisão, em 23 de outubro de 1964, Thomas Maack foi levado para a Cadeia do Palácio da Polícia, no Centro de Santos.

O médico conta: "Todavia, a minha prisão não terminou. Fui transferido juntamente com outros prisioneiros para a cadeia do Palácio da Polícia, em Santos. Éramos oito prisioneiros numa cela de uns poucos metros quadrados com latrina aberta e condições péssimas de higiene e alimentação. Os interrogatórios cessaram completamente e eu podia receber visitas semanais da esposa e mesmo de colegas de trabalho. Fui libertado por força de um habeas-corpus do Supremo Tribunal Federal no dia 15 de dezembro de 1964, após cerca de 7 meses de prisão. A minha foi a prisão política mais prolongada de um docente universitário em São Paulo, em 1964.

Expulsão do Brasil e exílio

Dr. Thomas Maack relembra seus últimos dias no Brasil antes da fuga e exílio nos Estados Unidos. "Aparentemente os militares não se inteiraram imediatamente de que eu tinha sido libertado. Assim que o fizeram decretaram nova prisão preventiva. Não houve alternativa a não ser se esconder e depois sair do País com a esposa e a filha.

Minha liberdade e carreira profissional assim como os da minha esposa, talvez mesmo as nossas vidas, estariam seriamente ameaçadas se nós tivéssemos ficado no Brasil, o que foi confirmado pelas repetidas ordens de prisão preventiva, os diversos IPM [Inquérito Policial Militar] e processos instaurados em diversas instâncias militares.

Apesar de todas as alegações contidas nos IPM, e a minha longa prisão, em grande parte em isolamento e em condições degradantes, fui absolvido em todos os julgamentos resultantes desses IPM na 2ª Auditoria de Guerra e no Superior Tribunal Militar. Finalmente, o que impossibilitou de toda minha volta ao País antes da anistia de 1979, mesmo em caráter temporário, foi o inquérito instaurado para minha expulsão do Brasil quando eu já estava há muito tempo nos Estados Unidos" .

E conclui: "Fugí para São Paulo, onde fiquei refugiado na casa de um amigo e de lá iniciei fuga para o exílio. Minha intenção era me exilar no Canadá, porém, o destino não quis dessa forma e fugindo com minha família, via Paraguai, por um fato inexplicável,

acabei nos Estados Unidos, e até hoje guardo comigo o bilhete aéreo para o Canadá, como uma lembrança daquele dia, talvez, como a me explicar para onde o destino me levou através de suas asas".

Diário do Litoral, 23 out 2013; Disponível em: <https://www.diariodolitoral.com.br/sindical-e-previdencia/navio-prisao-raul-soares-memorias-do-carcere-flutuante/20604/>; Acesso em: 15/09/2020.

3. Navio Raul Soares - memórias do cárcere flutuante

Sindicalista Argeu Anacleto: uma das poucas vozes que restam do Cárcere Flutuante

Argeu Anacleto da Silva era sindicalista portuário em 1964 e, hoje, é uma das poucas vozes que sobraram dos calabouços do navio-prisão Raul Soares, onde ficou preso por 75 dias. Ele relata suas memórias do cárcere flutuante e da repressão ao sindicalismo e diz que mexer na ferida cicatrizada ainda causa dor em sua alma.

Os antigos companheiros das Docas se perderam pelo tempo e quase todos já morreram. Os poucos, que estão vivos, se encontram muito doentes, com sequelas do cárcere e não podem mais se locomover e muito menos falar. As vozes, que se opunham ao sistema, em 1964, e que ficaram trancafiadas no navio-prisão Raul Soares, foram se calando aos poucos pelo decurso do tempo. Mas, nós conseguimos localizar uma dessas poucas vozes. E ela fala de dor, tortura e sofrimento.

"A verdade... de qual verdade o Governo Federal quer saber? Eu busco essa verdade todos os dias, quer seja nos meus sonhos ou nos meus devaneios. Não me arrependo daquilo que passou, mas também não gosto de mexer em ferida cicatrizada, pois isso incomoda e causa uma dor que parece estar presa em minha alma. Temos é que nos prevenir para que fatos lamentáveis como esse não mais se repitam". Foi desta forma que o sindicalista portuário no período do início da ditadura militar e preso do navio-prisão Raul Soares, Argeu Anacleto da Silva, de 83 anos, uma das poucas vozes que restam daquele triste período para o sindicalismo de Santos, iniciou sua entrevista.

"O Dr. Thomas Maack, o médico e professor de cabelos de "fogo" me ajudou bastante, me socorreu e me amparou naquele tempo terrível dentro do navio," disse Argeu, que aos 83 anos, relembra com tristeza do episódio de sua prisão. E fala do tratamento solidário que recebia do médico Thomas Maack. "Ele era uma pessoa especial para todos nós. Era um alemão, tinha os cabelos bem avermelhados, e falava fluentemente o português, pois nos dizia

que veio com seus pais para o Brasil, ainda bebê de colo”, diz o ex-dirigente sindical portuário.

E emenda: “usam a democracia como escudo, mas ainda hoje prevalece o domínio imperialista. Naquele período (da ditadura militar) a democracia virou demoniocracia, mas hoje não está muito diferente, mas não quero e nem devo falar sobre isso. Vocês querem saber o que houve naquela época? Pois eu digo que o que marcou mesmo naquela época foi uma Cidade que se opôs ao regime e apresentou seu protesto com dignidade, honestidade e acabou sofrendo as consequências de uma grande injustiça”, explica.

Quando fala de sua prisão, seus olhos azuis demonstram o sofrimento de um tempo em que o País não podia respirar democracia, pois volta à sua mente a imagem fantasmagórica de um navio-prisão que ficou no Porto de Santos, local de seu ganha-pão e que deixou essa mesma democracia à deriva por longos anos.

Sua prisão

Ele conta que foi preso por agentes do antigo Departamento de Ordem Pública e Social (Dops) e ficou 75 dias trancafiado no navio Raul Soares. Primeiro ficou preso no próprio Dops, que se localizava no prédio do Palácio da Polícia, na Avenida São Francisco, no Centro de Santos.

Com a chegada do navio-prisão ao Porto de Santos, ele foi enviado para lá, “Aquele navio enorme, de casco negro, tinha um aspecto desafiador e sombrio para a sociedade santista. Só quem esteve preso nele sabe da dor e sofrimento de permanecer incomunicável sob tortura psicológica, vendo companheiros serem castigados sem nada terem feito. Recebi auxílio dos meus companheiros de trabalho, porque até o nosso direito de auxílio-reclusão foi suspenso, sendo pago só depois de muito tempo”, relembra com tristeza o ex-sindicalista.

“A intenção da ditadura militar não era só nos matar de fome, mas também aos nossos filhos, em casa, que estavam ficando sem o leite, só que os militares não contavam com o amparo e solidariedade humana dos companheiros de cais. E foi essa solidariedade que nos deu forças para suportar todas as adversidades. Mas eu não posso me queixar porque, graças a Deus, ainda estou aqui vivendo e relembando esses fatos.”, relata Argeu.

E prossegue: “o que passou se transformou numa ferida já cicatrizada pelo passar do tempo. Faz parte da história. Nós também fazemos parte dessa história, história triste é verdade. Só não gosto de mexer nesse ferimento, pois mesmo cicatrizado, ele fere a minha alma, como feriu a alma do sindicalismo de Santos que nunca mais foi o mesmo. Naquele tempo nós tínhamos união,

solidariedade e companheirismo e sabíamos lutar por nossos direitos”.

Ele diz que é um etecetera...

Argeu Anacleto diz que os grandes figurões da sociedade possuem faculdade, “mas nós, os trabalhadores, possuímos dificuldade. Eles possuem cultura e são os destaques, enquanto nós, trabalhadores, não temos nada, somos os eteceteras. Eu sou um etecetera... Por isso o trabalhador tem que se unir e se diferenciar pela solidariedade e pelo amor no coração, pois isso é o que diferencia em qualidade humana um etecetera do figurão, compreendeu?”

Argeu Anacleto da Silva, então conselheiro fiscal do Sindicato dos Operários Portuários de Santos e Região recebeu o autor desta reportagem em um escritório de advocacia, no Centro de Santos, estado de São Paulo, e foi dizendo que não se arrepende de nada do que fez no passado. “Eu não aceitava as imposições do sistema. Aliás, não aceito ainda hoje. Por isso fiquei entre as dezenas de pessoas detidas por razões políticas, entre elas, muitos sindicalistas”, menciona o ex-dirigente sindical.

Foi preso aos 35 anos e diz que não tinha nenhum compromisso com partidos políticos, mas sim com seu trabalho, sua família e seus companheiros do porto. “Minha luta não foi individualista, como ocorre hoje, salvo algumas poucas exceções. Lutava para levar mais pão à mesa dos meus companheiros, pois para isso fui eleito pela categoria. E, essa luta foi rotulada, por empresários daquela época, como comunismo. Por isso, pagamos caro, deixamos praticamente nossas vidas naquele navio maldito”, contou Argeu.

Ele menciona que, em 2008, recebeu do Governo Federal uma indenização por seu sofrimento e comparou essa indenização à ação de um morcego. “Ele morde e sangra suas vítimas, mas, depois, vem abanar a sangria. E esse abano veio em termo da indenização”.

Castigo do japonês: ser trancado na geladeira

Argeu lembra de companheiros sendo torturados e retirados de celas imundas e levados para o “terrível choque térmico” ao serem colocados nas celas ao lado da caldeira do navio, onde o calor era insuportável, e depois levados para a outra cela, próxima ao frigorífico, que era bastante gelada. “O maior castigo que vi, entretanto, foi a do estudante japonês Tomoshi Sumida. De corpo franzino, era constantemente torturado, sendo colocado dentro da geladeira, numa falta de humanidade e de Deus no coração de seus torturadores. Mas ele resistiu e depois de algum tempo sumiu do interior da embarcação, ninguém soube para onde foi levado, quem

sabe a Comissão da Verdade do Governo Federal possa descobrir qual foi seu paradeiro e seu destino”.

Adoentado por causa da comida intragável do navio-prisão, ele diz que foi socorrido pelo Dr. Maack, que recomendava ao comandante do navio que ele deveria comer alimentos leves e também frutas porque havia contraído uma gastrite. “Só que o Capitão dos Portos, na época, Júlio de Sá Bierrembach, proibiu a entrada de frutas no navio, mas, cá entre nós, o Dr. Thomas Maack sempre tomava as nossas dores e brigava por nossos direitos, alegando que o preso-doente era responsabilidade dele e que seu receituário deveria ser obedecido. E, muitas vezes, forneceu, aos companheiros de prisão, seus próprios alimentos, que sua esposa Isa lhe enviava. Eu mesmo fui um dos que recebi esses alimentos.”

Só resta a verdade

Ele menciona: "o que ocorreu no navio-prisão Raul Soares deve ser apurado, não que isso vá resolver alguma coisa, mas, sim, para dar uma satisfação à sociedade santista, pois nós, os eteceteras, fomos torturados por crime nenhum. E depois, tem uma grande verdade que diz que nada pode ser maior que a própria verdade".

E conclui: "a presidente Dilma sofreu torturas, lá atrás, no passado e, hoje é a Chefe da Nação, isso reflete outra verdade, a de que nunca se sabe aonde o destino vai te levar e no caso da nossa presidenta, o destino a levou ao cargo em que ela tem o poder de apurar a verdade dos tempos sombrios deste País. E um desses tempos esteve ancorado aqui em nosso porto e chamava-se Raul Soares, o navio-presídio da ditadura".

Diário do Litoral, 24 out 2013; Disponível em: <https://www.diariodolitoral.com.br/sindical-e-previdencia/navio-raul-soares-memorias-do-carcere-flutuante/20710/>; Acesso em: 15/09/2020.

4. Navio-prisão Raul Soares: memórias do cárcere flutuante

Ademarzinho ficou trancafiado 92 dias no Navio-Prisão Raul Soares

Ademar dos Santos, Ademarzinho, era, em 1964, sindicalista portuário. Foi perseguido pela ditadura militar, preso e trancafiado no navio-prisão. Hoje, aos 80 anos de idade e doente, ele relembra cada detalhe de sua prisão e dos bastidores do cárcere flutuante no Porto de Santos. E fala sobre esse período triste para o sindicalismo e para a própria história do País.

Funcionário da extinta Companhia Docas de Santos (CDS) no cargo de Eletrotécnico, o doqueiro Ademar dos Santos, conhecido no

cais entre os portuários como Ademarzinho, diz que foi o último preso civil a deixar o navio-presídio Raul Soares, em 23 de outubro de 1964, fato ocorrido à noite. Ele tinha 29 anos de idade, era casado e pai de dois filhos, quando foi preso pela ditadura militar e trancafiado no navio-prisão "Raul Soares". Sua prisão foi longa, durou 92 dias, tempo em que permaneceu incomunicável.

Para relembrar esse período triste para o sindicalismo e para a própria história do País, Ademarzinho recebeu a reportagem do DL [Diário do Litoral] em sua residência. Aos 80 anos de idade, ele lembra dos bastidores e cita nomes de civis e militares. Simpático e bastante falante, diz cada detalhe da sua prisão e dos personagens desta história de luta, tortura e sobrevivência no cárcere flutuante.

O primeiro documento que ele exhibe ao *Diário do Litoral* é um ofício assinado pelo almirante Júlio de Sá Bierrembach, capitão dos Portos, que confirma a data de sua prisão e chegada no navio Raul Soares: 17 de junho de 1964. "Foram momentos tensos, de preocupação para meus familiares. Logo após o golpe de 31 de março, os sindicatos foram invadidos. Todo mundo do sindicato já tinha sido procurado para depor e eu ainda não. Eu sabia que ia ser preso. Procurei o advogado Eraldo Aurélio Franzese, que fez uma carta pedindo a minha volta à empresa, uma vez que não estava mais exercendo mandato sindical, pois o Sindicato dos Operários Portuários (Sintraport) estava sob intervenção", relata o ex-sindicalista. Menciona que o pedido foi negado, pois ele já estava respondendo a processo.

Ademarzinho lembra todos detalhes do dia em que foi preso: "Um carro da antiga CDS (Companhia Docas de Santos) foi à minha casa. Era um policial civil das Docas; meu colega, que jogou bola comigo", narra o ex-presos do Raul Soares. E prossegue: "Ele disse que eu seria preso. E fui preso mesmo. Tomaram meu depoimento e eu fui dispensado. No dia seguinte, foram me buscar em minha casa, na Zona Noroeste. A ordem era para eu ir ao departamento pessoal. Tinha um envelope amarelo pronto, com ordem de prisão. Me colocaram em um camburão e me levaram. Tomei o cuidado de ver se o cano do escapamento não estava para dentro, como faziam os nazistas". Ele diz que só teve noção do destino, quando ouviu o barulho das tábuas da ponte pênsil, em São Vicente.

"Me levaram, por engano, para a Fortaleza do Itaipú, em Praia Grande. No dia seguinte, outra viatura me pegou para me levar para o quartel dos fuzileiros navais, na Avenida Afonso Pena, em Santos. De lá, uma outra viatura policial me levou, no dia seguinte, ao navio Raul Soares".

Ele relata que, militares suspeitos, ou que não participaram do golpe que depôs Jango, também estiveram presos no navio, em setor separado dos presos políticos. "A Polícia Marítima, que era estadual, tomava conta da gente; e a Marinha tomava conta deles", explica Ademarzinho.

Em seu relato ao DL, Ademarzinho rememora os fatos alegados pelos militares para a sua prisão. "Uma foto minha em um jornal, na terceira fila de um evento político no Rio de Janeiro, onde se encontrava o cabo José Anselmo, que se envolveu em luta armada, foi um dos motivos alegados para minha prisão. Eu estava acompanhado do presidente do Sintraport, Manoel de Almeida, no Rio de Janeiro, para um debate sobre a demarcação de uma área insalubre em Santos. O evento foi cancelado pelo Ministro do Trabalho e fomos convidados para uma festa. A Associação dos Marinheiros estava comemorando dois anos, e ia homenagear o marinheiro João Cândido Felisberto, líder da Revolta da Chibata".

E acrescenta que os seus interrogadores faziam-lhe uma tortura psicológica querendo saber qual foi sua "missão" naquele evento político. A ida a um congresso de trabalhadores em minérios, em Belo Horizonte, evento recheado de personalidades políticas, também rendeu suspeitas e acusações e mais torturas psicológicas. Ele lembra: "os mineiros queriam um aumento e a empresa estava irreduzível. Durante uma assembleia no sindicato foi definida a delegação: era eu, Nelson Salinas Meira e Elmo Poderoso Giangiulio. Um advogado subiu para falar e a multidão quis invadir. Quem tomou a palavra e pôs ordem foi o Leonel Brizola. Também estavam lá o Miguel Arraes e o Francisco Julião, líder das Ligas Camponesas, do Nordeste. Quando pegaram meu nome e o de outros, naquele encontro, queriam saber qual era a "missão" que o Partido Comunista tinha dado para mim. Eu disse que levava apenas uma representação do nosso sindicato, em solidariedade, nada mais que isso".

E para completar as coincidências que culminaram com a sua prisão, o ex-sindicalista portuário santista esteve no badalado e comentado comício da Central do Brasil, em que Jango anunciou as chamadas "Reformas de base". Nesta viagem, o chefe da delegação do Sindicato dos Portuários de Santos era outro sindicalista: Iradil dos Santos Mello, também um dos inúmeros presos no cárcere flutuante.

Ademarzinho relata que, dos 129 acusados no Inquérito Policial-Militar (IPM) do Porto de Santos, ele foi o primeiro a ser ouvido. "Por uma simples razão, a ordem alfabética". E afirma: "O sindicalismo de Santos era forte e muito temido pelas autoridades do País. Decretar intervenção nos sindicatos e prender os sindicalistas num navio, foi a forma de intimidar, fazer o sindicalismo santista se curvar, para minar nossa força e nossa

resistência. Uma forma de exemplo para todo o País. E o objetivo dos militares foi alcançado, porque Santos pagou caro ficando muitos anos sem poder eleger seu prefeito”.

“Quando os militares invadiram os sindicatos, pensavam que iam encontrar armas como metralhadoras e fuzis, e não encontraram sequer um estilingue. Queriam encontrar material subversivo e encontraram só algumas revistas masculinas”. E conclui: “meu depoimento, por orientação do advogado do sindicato Eraldo Franzese teve apenas seis linhas e foi baseado nas frases: não sei, não vi, não soube de nada disso e nunca ouvi falar”.

Camarote 29

Ele diz que na chegada ao cais, assistiu cenas muito comoventes, pois dezenas de pessoas aguardavam para serem presas. “Eu vi senhores, de cabelos grisalhos, acima de 60 anos, chorando”.

E diz: “com o tenente Mário, da Marinha, descemos a escada e chegamos ao destino naquele navio de tão triste lembrança. O tenente disse: ‘O senhor vai ficar bem aqui’. Meu camarote era o de número 29. Em cima dele estava escrito: Carpinteiro. Era um bom camarote do tempo em que o navio era um transatlântico. Pensei comigo: Jesus foi carpinteiro e meu avô também foi carpinteiro naval. Se eu vou ficar preso no camarote do carpinteiro, então estou em casa. Neste camarote eu fiquei 92 dias, incomunicável. Só saía para buscar a comida, no convés, e ir ao banheiro. Havia um tenente, Hugo Panasco Alvim Filho, que me perseguiu desde que cheguei ao navio, do primeiro ao último dia. Ele me escalava para as tarefas mais humilhantes, como limpar ou desentupir latrinas”., relembra Ademarzinho.

Mas a maior humilhação que ele diz ter passado e quase todos os presos civis também, principalmente os que estavam incomunicáveis, era o de ter que fazer as necessidades fisiológicas com a porta do banheiro aberta e sendo vigiado e olhado por um guarda com uma metralhadora na mão.

Ademarzinho, hoje com graves problemas de saúde, diz que esses problemas começaram com sua prisão e as torturas psicológicas que sofreu no cárcere flutuante. “Tomo calmantes há quase meio século, mas me orgulho de minha mente, que funciona muito bem, pois me lembro de tudo o que ocorreu”.

Ele diz que o inquérito que respondeu foi por atividades políticas e trabalhistas e menciona que esteve em lugares que lhe comprometeram muito. “Em três deles”, lembra Ademarzinho, “fui escolhido em assembleia registrada em ata do sindicato”.

Ele diz que os militares queriam saber de suas ligações com lideranças da esquerda. O interrogatório, no navio-prisão, era

sempre o mesmo, e cada vez mais demorado. Diz que um oficial o chamava às 4 da tarde e ficava, às vezes, até 3 da manhã sendo interrogado. Ele ia embora e vinha outro. “Eu não podia dormir”, resume o ex-presos da ditadura militar.

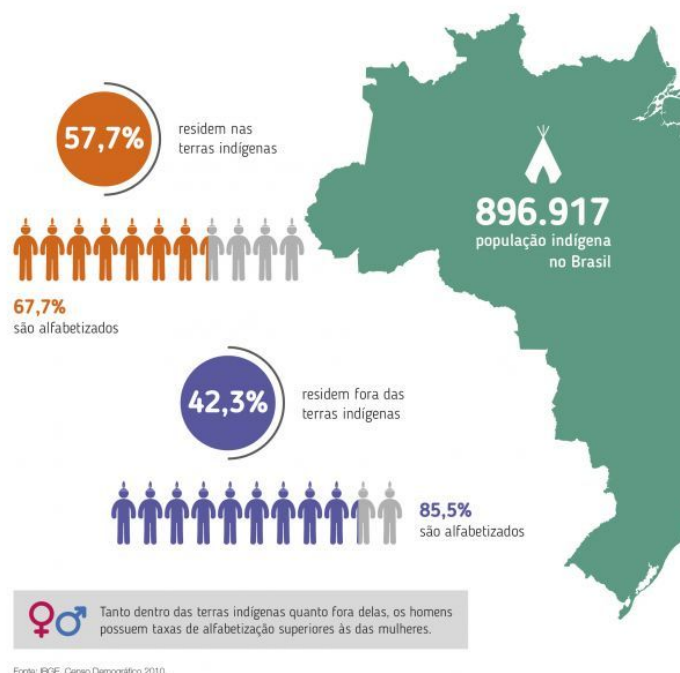
Diário do Litoral, 25 out 2013; Disponível em: <https://www.diariodolitoral.com.br/sindical-e-previdencia/navio-prisao-raul-soares-memorias-do-carcere-flutuante/20810/>; Acesso em: 15/09/2020.

Povos indígenas na Baixada Santista: a aldeia Paranapuã

Introdução

Quando a esquadra capitaneada por Pedro Álvares Cabral chegou ao território atualmente conhecido como Brasil, em 1500, estima-se que viviam nele 5 milhões de indígenas distribuídos em diversos grupos que falavam muitas línguas diferentes, eram portadores de muitos saberes e de uma riquíssima diversidade cultural. Ao longo de nossa história, esses povos foram exterminados pelos europeus de três formas: guerras, epidemias e trabalho forçado. Muitos deles desapareceram e culturas inteiras foram perdidas. Quantos são os indígenas hoje no Brasil? Você conhece os indígenas em sua região? Que problemas eles enfrentam hoje? Vamos descobrir!

Atividade 1. Indígenas no Brasil

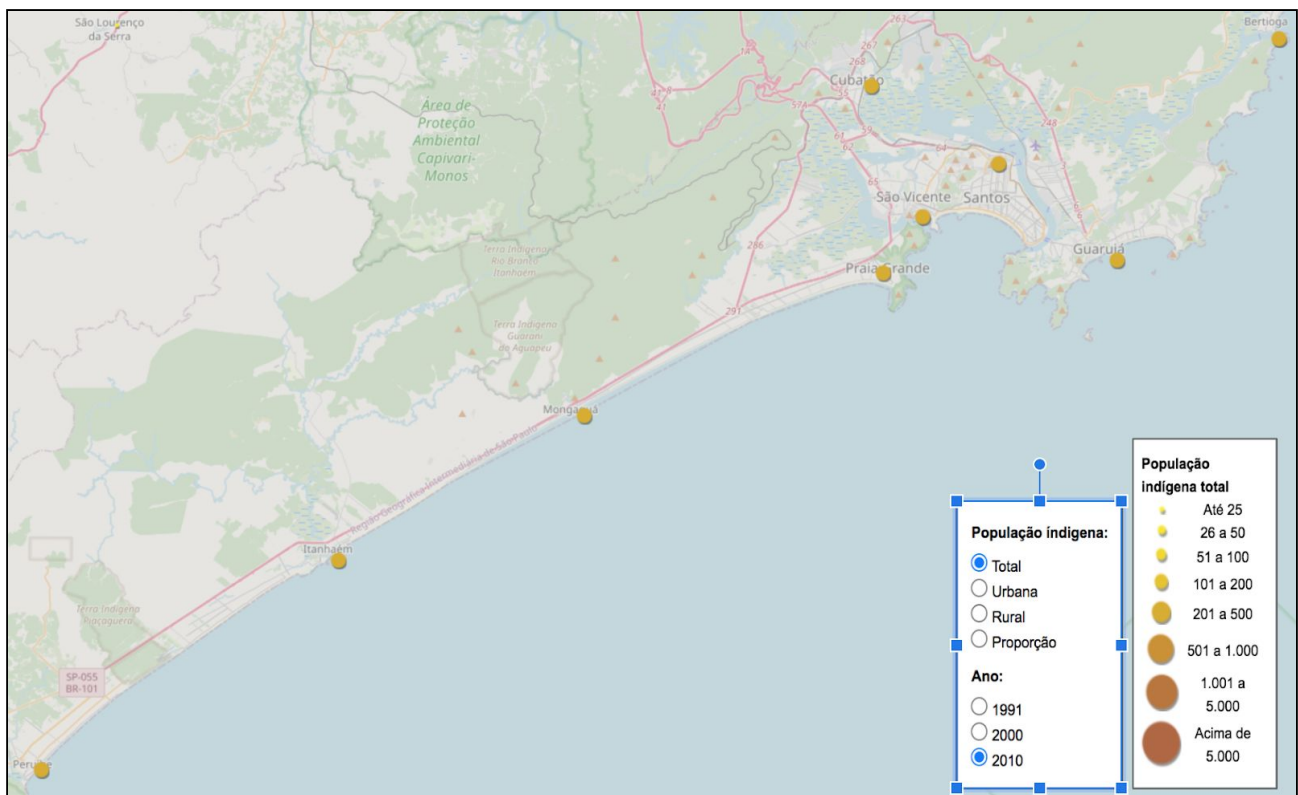


Segundo dados do Censo de 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), restam hoje apenas 896.917 indígenas divididos em 305 etnias e falantes de 274 línguas diferentes.

- De acordo com o gráfico ao lado, podemos afirmar que todos os indígenas no Brasil vivem em aldeias?
- O percentual de alfabetização é maior entre os residentes em aldeias ou entre os que moram fora das terras indígenas? Por que você acha que é dessa maneira?

Atividade 2. A população indígena na Baixada Santista

Mapa: População indígena na Baixada Santista.



Fonte: IBGE (<https://indigenas.ibge.gov.br/mapas-indigenas-2>)

- A qual população o mapa se refere?
- Os dados apresentados referem-se ao meio urbano, rural ou a ambos?
- Os dados são referentes a qual ano?
- Quais são as 9 cidades que aparecem no mapa? Juntas, essas cidades compõem uma região. Qual região é essa?
- De acordo com as informações do mapa, quantos indígenas aproximadamente vivem em cada cidade?

Na Baixada Santista - região formada por Santos, São Vicente, Guarujá, Bertioga, Cubatão, Praia Grande, Itanhaém e Peruíbe - 3.318 pessoas se declararam indígenas no Censo de 2010. Ao todo são 17 aldeias e 5 terras indígenas localizadas nos municípios de Peruíbe, Itanhaém, Mongaguá, Praia Grande, São Vicente e Bertioga. Vivem nessas terras indígenas *Guarani Mbya* e *Guarani Nhandeva*, dois subgrupos guaranis.

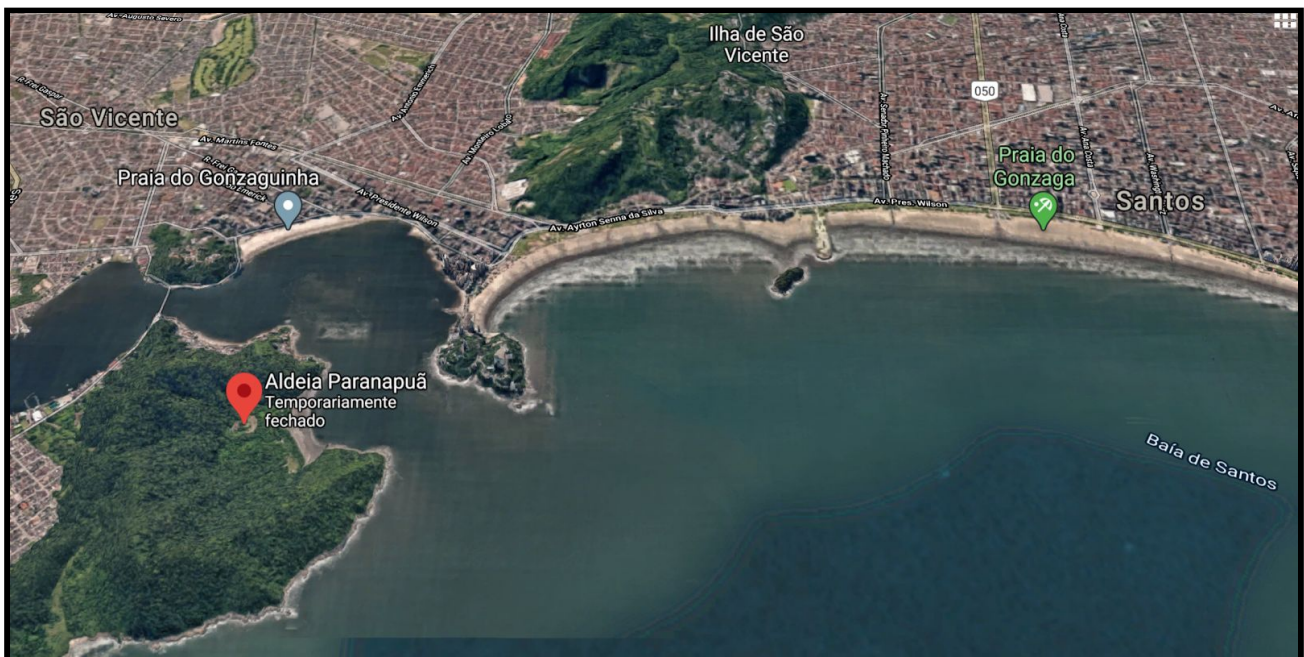
Atividade 3. A Aldeia Paranapuã

Todo dia 19 de abril comemora-se o dia do índio. Mas qual o significado dessa data? Quantos e quem são os povos indígenas em sua região? Como eles vivem e que tipo de problemas enfrentam? Conhecer esses povos em nossa região e solidarizar-se com as suas demandas pode ser uma boa maneira de começar a dar novos significados ao 19 de abril.

“Ser indígena no Brasil hoje é uma luta diária. Sofremos todos os tipos de discriminação. Na cidade somos mal vistos. Questionam porque andamos vestidos. Achem que índio tem que andar pelado. Não conhecem a nossa cultura. Temos as nossas falas, as nossas rezas, a nossa culinária, a nossa forma de interagir. O povo indígena quer ter a posse de um lugar desfrutável, um lugar que é nosso por direito. A luta pela demarcação é constante.”

(Ronildo Amandios, indígena da aldeia Paranaçuã,
<https://www.diariodolitoral.com.br/cotidiano/no-dia-do-indio-guaranis-dizem-que-a-data-e-de-luta-e-resistencia/98147/>)

Observe as imagens a seguir.



1



2



3



4



5



6



7

- a. De acordo com o mapa (imagem 1), em qual cidade está localizada a Aldeia Paranapuã?
- b. Quais elementos da cultura dos indígenas Guarani Mbya, habitantes da aldeia Paranapuã, podemos perceber nas fotografias 2, 3, 4 e 5?
- c. O que está acontecendo nas imagens 6, 7? Você consegue reconhecer o local onde estão os indígenas?

Atividade 4. Pesquisa: a luta por demarcação de terras na Aldeia Paranapuã

Os cartazes nas imagens 7 e 8 trazem como mensagem a questão da demarcação das terras indígenas. O depoimento de Ronildo, no início dessa atividade, também chamou a atenção para a luta por demarcação. Para responder às perguntas abaixo, faça uma pesquisa sobre a Aldeia Paranapuã. Ao final desta atividade, disponibilizamos algumas referências que podem ajudá-lo.

1. Quando a aldeia foi fundada?
2. Por que o governo do estado reivindica as terras da Paranapuã e ameaça a aldeia com ordens de reintegração de posse?
3. Como a Constituição Federal de 1988 trata a questão das

terras indígenas?

4. Por que a Proposta de Emenda Constitucional 215 (PEC 215) é considerada uma ameaça aos direitos dos povos indígenas?
5. Nas sociedades capitalistas, o que é considerado "terra produtiva"? Por que essa concepção fere os direitos indígenas estabelecidos pela Constituição de 1988 e por documentos como a *Declaração das Nações Unidas sobre Direitos dos Povos Indígenas*?
6. Podemos afirmar que a demarcação de terras indígenas está ligada à preservação do meio ambiente e do patrimônio cultural brasileiro? Justifique.

REFERÊNCIAS

Audiência Pública na ALESP contra a reintegração de posse na Aldeia Paranapuã. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dfPC16MtPPM>. Acesso em: 28/07/2020.

A vida dos índios na Baixada Santista. Disponível em: <https://www.diariodolitoral.com.br/cotidiano/a-vida-dos-indios-da-baixada-santista/65712/>. Acesso em: 28/07/2020.

Cacique Alcides fala sobre as terras indígenas, Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ROp2zqkznZ0>. Acesso em: 28/07/2020.

Indígenas de São Vicente, SP, protestam contra decisão da Justiça, Disponível em: <http://g1.globo.com/sp/santos-regiao/noticia/2016/01/indigenas-de-sao-vicente-protestam-contradecisao-da-justica.html>. Acesso em: 28/07/2020.

No dia do índio, Guaranis dizem que a data é de luta e resistênci., Disponível em: <https://www.diariodolitoral.com.br/cotidiano/no-dia-do-indio-guaranis-dizem-que-a-data-e-de-luta-e-resistencia/98147/>, Acesso em: 28/07/2020.

Olhar VTV - Índios (Trecho sobre a Aldeia Paranapuã). Disponível em: <https://www.youtube.com/embed/jtbScDpvrXw>. Acesso em: 28/07/2020.

Imagem 1. Google Maps. Disponível em: <https://www.google.com/maps/place/Aldeia+Paranapu%C3%A3/@-24.0081632,-46.3764367,12.4z/data=!4m5!3m4!1s0x94ce1d7a91c4832f:0x3a9eda538063dfa1!8m2!3d-23.9835182!4d-46.3825732>. Acesso em: 28/07/2020.

Imagem 2. Disponível em:

https://www.jornaldaorla.com.br/arquivos/noticia/2018_4_24_16_34_38_3204.jpg. Acesso em: 28/07/2020.

Imagem 3. Disponível em:

https://4.bp.blogspot.com/--hGPCWOrZIC/Vxz5dTf8Y-I/AAAAAAAAAMWI/avXilc9f91g9LCB-92BxOm3ePOEs4AgtOCKgB/s1600/IMG_3440.JPG. Acesso em: 28/07/2020.

Imagem 4. Disponível em:

https://cdn.diariodolitoral.com.br/upload/dn_noticia/2017/04/1492559247.JPG. Acesso em: 28/07/2020.

Imagem 5. Disponível em:

<https://i.ytimg.com/vi/K0DqpF1j6Lw/hqdefault.jpg>. Acesso em: 28/07/2020.

Imagem 6, Disponível em:

https://1.bp.blogspot.com/--WT9RjdpzSc/WKMd5RuVD1I/AAAAAAAAAYIq/Hj40J57Wgc4kO-tzWNx7bG_pI3Sh-E6AwCLcB/s1600/IMG_0118.JPG, Acesso: 28/07/2020.

Imagem 7, Disponível em:

https://4.bp.blogspot.com/-iirC8B64fW0/WKMdrE7I5tI/AAAAAAAAAYIc/xKosjaZee8o0-ZFUAOk_6SzcUugIo4-mwCLcB/s1600/IMG_0213%2B%25281%2529.JPG, Acesso: 28/07/2020.